

AS MIUDEZAS NA FORMAÇÃO ESTÉTICA DA CRIANÇA NO CAMINHAR PELA CIDADE

LAS MENUDENCIAS EN LA FORMACIÓN ESTÉTICA DE LOS NIÑOS QUE CAMINAN POR LA CIUDAD

Cristiana Callai 1

Graziela Mello 2

Resumo : Enquanto professoras e pesquisadoras do campo Educação e Arte, seguimos nossos estudos e pesquisas em tempos de pandemia, com o olhar aguçado ao cotidiano familiar. Percebemos nesse momento a possibilidade de observar e registrar percursos de formação estética das crianças com as quais convivemos. Nesse artigo, compartilhamos cenas vividas com uma criança de 4 anos de idade, em que seus sentidos foram afetados na interação com os espaços da cidade, sejam eles naturais ou culturais, buscando a partir dos gestos infantis, das miudezas do viver, (re) pensar a educação para a formação de sujeitos sensíveis. Como recorte metodológico, utilizamos abordagens (auto) biográficas e narrativas de vida, em que encontramos a valorização das experiências vividas pelos sujeitos em seus processos de formação.

Palavras-chave: Criança. Formação Estética. Cidade.

Resumen: Como profesores e investigadores en el campo de la educación y el arte, seguimos nuestros estudios e investigaciones en tiempos de pandemia, con un ojo atento a la vida familiar. En ese momento, nos dimos cuenta de la posibilidad de observar y registrar los cursos de formación estética de los niños con los que convivimos. En este artículo, compartimos escenas vividas por un niño de 4 años, en las que sus sentidos se ven afectados en la interacción con los espacios de la ciudad, ya sean de naturaleza o culturales, buscando desde los gestos de los niños, los despojos de vivir, (re) pensar en la educación para la formación de sujetos sensibles. Como enfoque metodológico, utilizamos enfoques (auto) biográficos y narrativas de vida, en los que encontramos la valoración de las experiencias vividas por los sujetos en sus procesos de formación.

Palabras clave: Niño. Formación Estética. Ciudad.

-
- 1** Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pedagoga na Universidade Federal Fluminense (UFF). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8060028242388784>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8721-9184>. E-mail: criscallai@gmail.com
 - 2** Mestranda em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora da Secretaria Municipal de Educação de Itaboraí e Professora da Secretaria estadual de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9635270010313855>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9478-9599>. E-mail: mellograzi@hotmail.com

Introdução

Uma experiência cultivada no caminhar pela cidade é sentir. Isis, 4 anos, experimenta cores, formas, texturas ao recolher uma folha caída no chão. Quando vislumbra o céu, observa a revoada dos pássaros e algo se acende por dentro, pois seus olhos fagulham descobertas. As nuvens, se transformam em sua imaginação, logo um repertório de possibilidades é partilhado, gato, cachorro, coelho...

Uma flor de hibisco captura a sua atenção, ela se aproxima e inspira o perfume, diante da beleza e delicadeza da flor, ela quer tocar, sentir a cor de um vermelho que esgarça para o vinho. Seguindo em direção à praia da Boa Viagem, em Niterói - RJ, a paisagem é companhia, um passo e um olhar que descobre algo no horizonte. Barcos se entrecruzam na Baía de Guanabara, grandes e pequenos dependendo da distância.

Ela passa em frente ao Museu de Arte Contemporânea, caminho Niemeyer e um pouco mais adiante ela diz: - Chegamos! Seus braços sinalizam para o Convento das Freiras no alto da Ilha da Boa Viagem, seu ponto de referência para poder correr para o mar.

Corre em direção à água salgada, a imensidão do mar ali, na sua frente. Saltitante ela vai ensaiando uma coreografia, o corpo todo em movimento, olhando as marcas deixadas na areia ela segue investigando as miudezas que encontra pelo caminho. E são tantas. De tantos anos. De um passado milenar.

Ela observa esse mundo que se revelar ao caminhar, com olhos de quem enxerga com espanto, pois está aberta a descoberta, ainda que encoberta por uma camada fina de areia.

Poderemos estabelecer uma primeira conexão básica: se a estética fornece a sensibilidade e a capacidade de conectar coisas até muito distantes entre si e a aprendizagem acontece por meio de uma nova conexão entre elementos diversos, então, a estética pode ser considerada como uma importante ativadora da aprendizagem (VECCHI, 2017, p. 32).

Imagem. Brincando de pedrinhas na areia



Fonte: Arquivo pessoal das autoras(Niterói,2020).

Caminhos Metodológicos

Para nos acompanhar neste percurso de rememoração e formação trazemos o aporte teórico das abordagens (auto) biográficas e narrativas de vida (NÓVOA, 1992, 2001; PASSEGGI, 2010; DOMINICÉ, 1988), nele encontramos a valorização das experiências vividas pelos sujeitos em sua formação. Ao narrar sobre suas vivências o sujeito entra em contato com o que está sob os véus da memória.

A narrativa conserva suas forças mesmo depois de muito tempo, não se esgotando e tornando-se ainda capaz de possíveis desdobramentos. Nós, seres humanos podemos nos considerarmos colecionadores de memórias, em nossas coleções selecionamos e armazenamos fatos e fragmentos do passado, de maneira que ao nos lembrarmos, do que poderia estar ali em nossa coleção esquecido, possamos fazer com que o vivido emerja e provoque em certa medida uma atualização do passado no presente. Ou, na visão de Achilles e Gondar, podemos

[...] selecionar e armazenar fatos, detalhes, objetos, lembranças, cacos, para talvez, materializar a experiência. A cada contato com o que foi armazenado, conseguimos fazer o exercício de lembrar, narrando para nós mesmos ou para os outros o que está diante de nós. A narração é uma forma de exteriorizar nossas experiências que ficam marcadas em nossa memória individual e coletiva (ACHILLES; GONDAR 2016, p. 182).

Assim, consideramos o ato de narrar como prática de formação e autoformação docente, e para tanto afirmamos que:

[...] as narrativas autobiográficas propiciam um processo de pesquisa-ação-formação, e se realizam mediante o investimento da pessoa em formação e do formador, no contexto institucional no qual essas narrativas são solicitadas e produzidas. A preocupação primordial é que elas sirvam, essencialmente, a quem escreve. Admite-se, como princípio, que as escritas de si, longe de comunicar o que já se sabe, constituem-se verdadeiros processos de descoberta. Essa dimensão heurística permite a quem escreve explicitar as experiências e transformar saberes implícitos em conhecimento (pesquisa). O narrador; ao redescobrir-se como ser aprendente, reinventa-se (formação). Nesse processo hermenêutico permanente de interpretação e reinterpretação dos fatos, o adulto reelabora o processo histórico de suas aprendizagens (ação) (PASSEGGI, 2010, p. 114-115).

Desde a década de 1980, os estudos sobre a formação docente, por meio de um redirecionamento do enfoque das pesquisas, passam a dar uma ênfase maior à figura do professor. As histórias de vida dos professores, suas carreiras e percursos profissionais, ganharam visibilidade e vem crescendo em um campo de investigação interessado nas autobiografias e no desenvolvimento pessoal dos professores (NÓVOA, 1992). Pensando a formação dos professores a partir de uma nova ótica, vemos o potencial que as histórias de vida e as narrativas autobiográficas nos trazem.

[...] a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, como nas perspectivas da educação nova ou da pedagogia ativa, mas de considerar a vida como o espaço de formação. A história de vida passa pela família. É marcada pela escola. Orienta-se para uma formação profissional, e em consequência beneficia de tempos de formação contínua. A educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida (DOMINICÉ, 1988, p. 140).

Antonio Nóvoa, autor português nos diz a respeito da formação do professor que “*formar é sempre formar-se*” (NÓVOA, 2001, p. 9) e que as narrativas das histórias de vida, portam “uma teoria da formação a partir do *sujeito aprendente*” (NÓVOA, 2001, p. 7). Nesses dois trechos destaca-se o papel da pessoa que participa deste processo, entendendo-o como sujeito aprendente ou em constante formação. Concordamos que “todo conhecimento é auto-conhecimento, toda a formação é auto-formação” (NÓVOA, 2001, p. 10).

Formação Estética

Desde a antiguidade clássica a palavra estética aparece dentre os escritos dos grandes filósofos. Com o passar dos séculos, recebeu diversas conotações sem perder a sua relação com o sensível. Nós temos nos dedicado a estudar as relações entre Educação e Arte, compreendemos que quando falamos de formação estética

Falamos, por um lado, do modo como nossos sentidos vão sendo afetados no percurso de nossas interações com a sociedade, a cultura, a natureza; por outro lado, das possibilidades de refinamento de tais sentidos, da ampliação do nosso repertório artístico-cultural, das oportunidades de aguçar a sensibilidade, de afetar e de ser afetado pelas coisas do mundo (OSTETTO, 2019, p. 11).

Retornar ao sensível, torna-se necessário quando percebemos que na contemporaneidade existe uma excessiva valorização do racional em detrimento do sensível, notamos este aspecto no campo da educação quando realizamos uma pequena análise sobre os espaços curriculares reservados para as artes, terreno fértil para as experimentações estéticas: o que percebemos é que em favor da racionalidade esses espaços são minimizados e até subestimados no contexto escolar. Refletir sobre a formação estética é indispensável quando pensamos em educação.

A criança quando em contato com os espaços da cidade, sejam eles da natureza ou culturais, está em um campo fértil para sua formação estética. Isis experimenta as conchas sentindo-as com os dedos, diferentes sensações são provocadas no seu corpo. No toque encontra texturas, ritmos e temperaturas. Nos gestos os ruídos. Ao olhar perceber cores e formas. A aproximação oferece a intensidade do cheiro, a maresia. Todos os sentidos estão aguçados.

Ao trazer essa experiência vivida pela criança, tecemos uma narrativa do seu percurso de formação estética, através do nosso olhar de professoras e pesquisadoras que estão em/no contato com a educação das crianças. Estamos ali para mediar seu conhecimento, para observar e registrar, mas também para nos entregarmos as miudezas do viver de corpo inteiro. Quando dizemos de corpo inteiro não podemos deixar de lado o coração, cuja função é estética. Discorrendo sobre essa função do coração, sobre a *aisthesis* o psicanalista norte americano James Hillman (1993) diz:

Podemos reagir com o coração, despertar novamente o coração. No mundo antigo, o órgão da percepção era o coração. O coração era imediatamente associado às coisas pelos sentidos. A palavra em grego para percepção ou sensação era *aisthesis*, que significa, na origem, “inspirar” ou “conduzir” o mundo para dentro, a respiração entrecortada, “a-ha”, o “uhh” da respiração diante da surpresa, do susto, do espanto, uma reação estética à imagem (eidolon) apresentada. Na psicologia grega antiga e na psicologia bíblica o coração era o órgão da sensação: era também o lugar da imaginação (HILLMAN, 1993, p. 17).

Tendo o coração como principal órgão da percepção, podemos afirmar que essa experiência vivida pela criança se desenvolve no afeto, usando o sentido da palavra tanto com o sentido de afetividade, de emoção, quanto como verbo no sentido de sensibilizar, atingir. As duas pessoas envolvidas no momento vivido são afetadas pelo entorno que as cerca e pelas ações que se desenrolam, é um processo que só terá sentido sob a ótica da relação. Relação entre criança e o espaço, entre a mãe/professora/ pesquisadora que a acompanha, e nesse movimento ambas são afetadas.

A inteireza no fazer à mão

Foi um gesto. Oferecer a argila e retirar a mão. Ficar ao lado, observar e registrar. Assim começou essa experiência com a argila. Isis, 4 anos, se aventurou em um bloco de argila com a

intenção de manusear o todo, porém, se confrontou com a matéria dura, diante da impossibilidade, parou por alguns instantes e retornou ao bloco retirando com a mão um punhado de argila, o gesto mínimo entrou em cena.

Havia uma sintonia entre retirar a argila, modelar para cá e para lá, e deixar ao lado. O movimento moroso se repetiu diversas vezes. Sentir e pensar, ganhar intimidade com a matéria, um diálogo com os sentidos.

El haberselas con el barro u otros materiales blandos es un medio de conectar e interactuar con la realidad en una forma que pocas veces se consigue mediante cualquier outra actividad. El niño sostiene un pedazo del mundo que tiene el potencial especial de moldearse em un número infinito de formas. Dependiendo de cómo sus manos se muevan, se expresen, o se "impriman" el suave material responderá em toda clase de formas fascinantes. En alas de la imaginación, las figuras amorfas descubiertas em el hueco de la mano pueden convertirse em una inmensa cantidad de cosas (AUER, 2008, p.10).

Imagem 2. Criança brincando com argila



Fonte: Arquivo pessoal das autoras. Niterói, 2020.

O tempo foi passando, ela estava envolvida com a argila por quase uma hora, foram muitas tentativas de unir as partes, que insistiam em se separar. Ela moldou o corpo em uma base de MDF, ao tentar retirar, todas as partes soltaram, ela voltou para a base e tentou fazer uma colagem com barbotina¹, moldando novamente o corpo.

Em silêncio, a atenção e a concentração estavam ali. Como desejamos ver esse momento de entrega, a inteireza no fazer a mão. O material foi ganhando forma, os detalhes minuciosamente modelados, o cabelo, feito, desfeito e refeito. Cabelos ao vento.

El moldear, modelar, esculpir – como quiera que lo llamemos – es una de las más viejas actividades humanas del mundo. El hacerlo es desdoblarse un aspecto importante del ser humano. Esto es a nivel de todas las artes (AUER, 2008, p.10).

¹ Barbotina é a argila em estado líquido e de consistência cremosa. É utilizada para a colagem de partes de argila ainda úmida. Cada modelagem deve ter a sua barbotina para colagem, com a mesma argila.

Isis pega outro bloco menor de argila, as mãos entram em sintonia envolvendo a criação. Logo, ela sai em busca de outro material, um palito grande e retorna a sua criação. Parece um barco. Mas ela não quer conversar, segue concentrada. Está ali, imersa, atenta e disponível na arte de criar. A arte à convoca por inteiro

Nas crianças, o criar - que está em todo seu viver e agir – é uma tomada de contato com o mundo, em que a criança muda principalmente a si mesma. Ainda que afete o ambiente, ela não o faz intencionalmente, pois tudo o que a criança faz, o faz em função da necessidade do seu próprio crescimento, da busca de se realizar (ALBANO, 2013, p. 38).

Assim, Isis se expressa. Ela dará forma ao que está em seu imaginário. Ela brinca, e brincando projeta, dando forma a criação. As ferramentas usadas são suas mãos e ao manusear o barro ela se (re) liga com a terra. As mãos transformam a argila em arte, para Auer, “El modelar se vuelve un dialogo estimulante cambiando siempre entre el ser humano y un mundo que permite toda clase de descubrimientos” (2008, p.10).

Imagem 3. Criança modelando com argila



Fonte: Arquivo pessoal das autoras. Niterói, 2020.

Ao finalizar, ela une as duas produções, eu pergunto o que é? Ela responde: - É a Moana! ‘Moana – um mar de aventuras’ (2016), é uma produção da Walt Disney Pictures, o filme conta a história da filha do chefe de uma tribo Motonui da Polinésia, escolhida pelo próprio oceano para reunir uma relíquia mística a uma deusa. Moana zarpa em busca de Maui, um semideus lendário e espera salvar seu povo. A ida à praia, o mar, os barcos navegando no horizonte povoam sua imaginação. Moana entra em cena.

Imagem 4. Boneca de argila



Fonte: Arquivo pessoal das autoras. Niterói, 2020

Na narrativa relatada tecemos as linhas da trama de uma experiência. Mas o que é uma experiência? Alguns estudiosos buscaram responder a essa questão, como é o caso de John Dewey (2010) e de Jorge Larrosa (2019). Assim compreendemos que “[...] toda experiência é resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive” (DEWEY, 2010, 122). Ela se dá através do contato entre o sujeito e algum ponto/aspecto do mundo em que este vive, logo encontramos questões sociais, espaciais e econômicas a influenciar e moldar, direta ou indiretamente a experiência. Ela não acontece fora de um contexto, em uma subjetividade encapsulada. A experiência pertence a alguém, a um sujeito, ela é subjetiva, “é sempre daqui e de agora, contextual, finita, provisória, sensível, mortal, de carne e osso, como a própria vida” (LARROSA, 2019, p. 40).

Vivemos numa sociedade acelerada, onde o tempo é cada vez mais curto, mais apressado, parecendo que temos a necessidade de estarmos ligados a todo instante nas notícias do que acontece ao nosso redor, sendo hiper estimulados, excitados, agitados, precisamos nos aperfeiçoar em muitas coisas, produzir, produzir e produzir. Porém, apesar de tudo isso nada nos acontece, devido à falta de tempo a experiência é cada vez mais rara, pois ela necessita do silêncio, da calma, de tempo lento, coisas que devido à velocidade imposta aos nossos dias, se tornam cada vez mais escassas (LARROSA, 2019).

A experiência é limitada por todas as causas que interferem na percepção das relações entre o estar sujeito e o fazer. Pode haver interferência pelo excesso do fazer ou pelo excesso da receptividade daquilo que é submetido. O desequilíbrio em qualquer um desses lados embota a percepção das relações e torna a experiência parcial e distorcida, com um significado escasso ou falso (DEWEY, 2010, p. 123).

Para se ter uma experiência, o sujeito necessita estar aberto, disponível, receptivo, atento e isso demanda parar, dedicar um tempo a esse processo. Como nos diz Larrosa: “o sujeito da experiência é um sujeito “ex-posto” [...] Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe” (LARROSA, 2019, p. 26). E é isso que vemos na narrativa, uma criança de 4 anos que se entrega ao momento da experiência, que se abre a ela e se entrega de corpo inteiro no manusear a argila.

Ela toca a argila e a argila a toca, se encontram em relação se apresentando para nós em seu caráter formativo e transformador, pois ela só se configura como tal quando nos passa, nos acontece.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2019, p. 25).

Considerações Finais

Enquanto professoras e pesquisadoras do campo Educação e Arte, seguimos nossos estudos e pesquisas em tempos de pandemia, com o olhar aguçado ao cotidiano familiar. Percebemos nesse momento a possibilidade de observar e registrar percursos de formação estética das crianças com as quais convivemos. Partilhamos cenas vividas com uma criança de 4 anos de idade, em que seus sentidos foram afetados na interação com os espaços da cidade, sejam eles da natureza ou culturais, buscando a partir dos gestos infantis, das miudezas do viver, (re) pensar a educação para a formação de sujeitos sensíveis.

Ao rememorar as experiências vividas com a Isis, fios de memórias são puxados em nossas mentes, nas tramas possibilidades de resgatar o sensível pela via do sentir. Animar o mundo pela via do coração, eis o manifesto.

Referências

- ACHILLES, Daniele; GONDAR, Jô. **A memória sob a perspectiva da experiência**. Revista morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social, Rio de Janeiro, v.9, n. 16, ago./dez. 2016.
- ALBANO, Ana Angélica. **O espaço do desenho: a educação do educador**. 16 ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- AUER, Arthur. **Aprendiendo a lo largo de todo el mundo: modelar**. AWSNA. 2008.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, Depart. de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p.131-153.
- HILLMAN, James. **Cidade & alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- NÓVOA, António. Prefácio. In: JOSSO, M.C (Org.). **Experiências de vida e formação**. Educa- formação, 2001.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias de Vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Esse in anima: formação docente em deslocamento**. Trabalho Encomendado – 39ª Reunião Nacional da ANPEd (2019) GT07 – Educação de Crianças de 0 a 6 anos.

PASSEGGI, Maria Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (orgs.) **Invenções de vida, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia: Explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância**. São Paulo: Phorte Editora, 2017.

Recebido em 10 de fevereiro de 2021.

Aceito em 14 de fevereiro de 2022.